



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
CURSO DE LETRAS / LÍNGUA PORTUGUESA**

LAÍLA CARLA MARQUES SANTANA

**A GÍRIA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANALISANDO
CONCEPÇÕES E ABORDAGENS PARA O ENSINO**

**GUARABIRA-PB
2022**

LAÍLA CARLA MARQUES SANTANA

**A GÍRIA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANALISANDO
CONCEPÇÕES E ABORDAGENS PARA O ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao
Departamento de Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada
em Letras.

Área de concentração: Língua
Portuguesa

Orientadora: Prof^a Dra. Monique Alves Vitorino

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S256g Santana, Laila Carla Marques.
A gíria no livro didático de língua portuguesa [manuscrito] :
analisando concepções e abordagens para o ensino / Laila
Carla Marques Santana. - 2022.
43 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Monique Alves Vitorino ,
Departamento de Letras - CH."

1. Gíria. 2. Variação. 3. Livro didático. 4. Ensino. I. Título

21. ed. CDD 410

LAÍLA CARLA MARQUES SANTANA

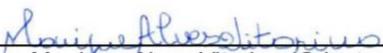
**A GÍRIA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANALISANDO
CONCEPÇÕES E ABORDAGENS PARA O ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao
Departamento De Letras da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras.

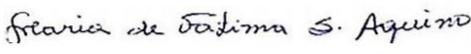
Área de concentração: Língua
Portuguesa

Aprovada em: 01/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Monique Alves Vitorino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dra. Bruna Araújo Cunha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao Altíssimo, pela graça e coragem,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser o pilar da minha vida e me conduzir com coragem e fé rumo aos meus objetivos. Agradeço por ter me concedido a graça da vida, por me confortar nos momentos turbulentos. Ao Altíssimo, a minha eterna gratidão.

Aos meus pais, Ana Isadora e José Roberto, por me trazerem a este mundo e por terem me ensinado sobre força, sobre honestidade. Por não medirem esforços para a concretização dos nossos sonhos, mesmo com tantos impedimentos. A minha gratidão pela vida de vocês e pelo bem que fazem a minha. Essa realização é nossa.

As minhas irmãs, Tayse e Cynthia, pela ajuda mútua na caminhada acadêmica e por dividirem comigo os momentos de alegrias e tristezas ao longo da vida, vocês tornam a jornada mais leve.

Às minhas amigas e amigos, colegas de curso, Ana Carla, Clarice, Jaciara, Luciene e Paulo Fernando. Dividir com vocês as minhas tardes na universidade tornava o dia mais leve, agradeço pelo companheirismo e pelo afeto, por agregar a caminhada acadêmica o sentido de amizade. Vocês são seres reluzentes de bondade e são essenciais na minha vida.

A minha estimada orientadora, Monique Alves Vitorino, por ter aceitado o convite para me orientar na produção deste trabalho, pela paciência e dedicação e por me confortar quando estive insegura. Externo a minha gratidão por todo o auxílio na realização deste sonho.

Por fim, estendo meus agradecimentos às professoras Daniele Mendes e Luana Anastácia, que me apresentaram a área de pesquisa pela qual sou imensamente apaixonada: A sociolinguística. As contribuições dos ensinamentos de vocês foram fundamentais para esta pesquisa.

“E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma.”

(Marcos Bagno)

RESUMO

Estudos apontam que, na contemporaneidade, as formas de se comunicar se remodelam dia após dia, em virtude disto, o uso das gírias na fala dos indivíduos é algo que vem sendo demarcado quase que em sua totalidade. Por esta razão, esta pesquisa propõe investigar o uso das gírias no material didático de Língua Portuguesa e as vertentes de ensino desse material, fundamentadas pelas concepções de Bagno (2007; 2017), Marcuschi (2007), Preti (2000), Patriota (2004) entre outros. Para tanto, escolheu-se um manual utilizado na rede particular de ensino no estado da Paraíba, mais precisamente na cidade de João Pessoa - PB. Em seguida, fez-se uma análise qualitativa de cunho interpretativo acerca das atividades propostas no material sobre o uso das gírias. Desta análise, averiguou-se que o material selecionado demonstra definições pertinentes sobre a concepção de língua em seu caráter interacional, no entanto, as atividades propostas sobre o vocabulário gírio deixam transparecer um viés de ensino ainda voltado para a norma padrão. Constatamos, portanto, que o tratamento acerca das gírias no LD é algo pouco aparente, o que implica afirmar que o manual didático ainda necessita de uma reformulação que permita aos alunos um conhecimento de línguas e seus contextos de uso bem como a percepção e afirmação das suas identidades discursivas.

Palavras-chave: Gíria. Variação. Livro didático. Ensino.

ABSTRACT

Studies show that, in contemporary times, the ways of communicating are remodeled day after day, because of this, the use of slang in the speech of individuals is something that has been demarcated almost in its entirety. For this reason, this research proposes to investigate the use of slang in Portuguese language teaching materials and the teaching aspects of this material, based on the conceptions of Bagno (2007;2017), Marcuschi (2007), Preti (2000), Patriota (2004)) among others. For that, a manual was chosen used in the private education network in the state of Paraíba, more precisely in the city of João Pessoa - PB. Then, a qualitative analysis of an interpretative nature was carried out on the activities proposed in the material on the use of slang. From this analysis, it was found that the selected material demonstrates relevant definitions about the conception of language in its interactional character, however, the activities proposed on the slang vocabulary reveal a teaching bias still focused on the standard norm. We found, therefore, that the treatment of slang in the textbook is not very apparent, which implies that the didactic manual still needs a reformulation that allows students to have a knowledge of languages and their contexts of use, as well as the perception and affirmation of the their discursive identities.

Keywords: Slang. Variation. Textbook. Teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OS PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	14
2.1	As gírias e os códigos de grupos: tipos e conceitos	16
2.2	Implicações da sociolinguística e sua importância para o ensino de LP no Brasil	21
2.3	Do dia a dia para a sala de aula: a importância de trabalhar os vocábulos presentes no cotidiano dos alunos	26
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	30
4	ANÁLISE DE DADOS: A CONFIGURAÇÃO DAS GÍRIAS NO LD DO ENSINO MÉDIO	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Com o advento dos meios de circulação das informações, tornou-se evidente que as maneiras de se estabelecer a comunicação sofreram inúmeras mudanças, sobretudo entre os sujeitos falantes mais jovens que, não por acaso, determinam o surgimento ou apagamento de vocábulos presentes na língua portuguesa, considerando seu caráter usual.

São termos utilizados em situações cotidianas que vão além das trocas de signos linguísticos mais informais, bem como conversações entre amigos, família, nas relações de trabalho e se estendem a contextos de uso mais monitorados, bem como as conversações em esferas nas quais a comunicação (verbal ou não) deve se desenvolver de forma mais protocolar, como no caso de sermões em igrejas, o discurso jurídico reproduzido por oficiais etc.

Portanto, torna-se necessário observar e analisar as formas pelas quais os estudos linguísticos desenvolvem essas questões no ambiente escolar, tendo por base os pressupostos presentes nos livros didáticos do ensino de língua portuguesa. Além disso, é de suma importância que os materiais pedagógicos possam tratar os fatores sociais que envolvem não apenas o estudo de línguas, mas também até que ponto o seu uso pode determinar e conduzir uma aprendizagem coesa e mais efetiva nas escolas, a fim de garantir aos alunos o suporte necessário para que se tornem indivíduos conscientes das suas identidades discursiva, social e coletiva.

Nesse sentido, o ensino voltado para a língua em contextos de uso, isto é, considerando também suas variantes linguísticas o que, conseqüentemente, implica o estudo das gírias no ensino de língua portuguesa, é algo que há muito vem sendo demonstrado, como pode-se observar em materiais didáticos levados às escolas, tanto de rede pública quanto na rede privada de ensino, tal qual observa-se em Cereja e Magalhães (2015). No entanto, ainda de modo inadequado em sua maioria, tendo em vista que

[...] A escola passou a ter a missão de ensinar os padrões culturais da sociedade, padrões estes ligados diretamente à escrita. Daí o estabelecimento de uma das suas maiores falhas: a falta de espaço para a língua falada e todas as demais modalidades de uso da mesma (NEVES, 2001: 329 apud PATRIOTA, 2004, p. 52).

Destarte, grande parte das propostas de atividades e principalmente de reflexão acerca do conteúdo em questão, acabam sempre voltando para o lado mais estrutural da língua portuguesa e, por essa razão, cria-se uma significativa interferência no processo de assimilação da língua em suas múltiplas formas de desenvolvimento.

Compreender os códigos de grupo e individuais como sendo a construção de uma identidade da língua falada, implica na sua relevância enquanto meio de ensino e aprendizagem em sua forma mais genuína, tendo em vista que se trata de um fenômeno que ocorre na cotidianidade, mas que pode fomentar e dar suporte para os estudos estruturais da língua portuguesa.

Portanto, nesta pesquisa, propomos analisar concepções e propostas metodológicas em torno do ensino do processo de formação das gírias e seus contextos de uso a partir do livro didático (doravante LD) de língua portuguesa destinado ao Ensino Médio. Buscamos demonstrar as concepções e estratégias elaboradas pela rede privada de ensino na Paraíba em língua portuguesa, pontuando seu comprometimento ou não com o ensino de línguas em seu caráter interativo e os pressupostos variacionistas, que tratam da língua enquanto organismo vivo e móvel na sociedade.

Para tanto, selecionamos um recorte do LD pré-vestibular para o 3º ano do ensino médio da rede privada, do autor Dom Bosco (2019), cujo título recebe o mesmo nome, que trata das questões pertinentes a esta pesquisa.

Assim, a partir de uma análise interpretativa, selecionamos as seções que tratam do ensino de gramática do material didático citado, bem como os itens que o compõe, com o intuito de demonstrar as questões pertinentes ao ensino das gírias a fim de tecer algumas análises das abordagens utilizadas pelo LD.

Não obstante, é imprescindível que observemos, também, as particularidades linguísticas que fazem parte do dia a dia dos alunos face ao que é apresentado na sala de aula como referência daquilo que é tido como certo, no que se refere às noções de erros gramaticais quando se trata da escrita e dos chamados “desvios” da fala presentes na oralidade. Assim, evidenciamos a necessidade de levar à sala de aula os conteúdos que fazem parte do cotidiano dos alunos de maneira adequada.

Justificamos este estudo pela relevância na área de Língua Portuguesa, não apenas para os professores atuantes, mas também aos alunos de graduação que

buscam um ensino voltado para a percepção da língua em contextos de uso, para além do que prescreve a gramática normativa e suas regras estáticas. Assim, esta pesquisa torna-se necessária à compreensão do fenômeno linguístico representado pela articulação das gírias na fala e na escrita e, deste modo, poderá subsidiar pesquisas futuras nesta área de conhecimento.

Deste modo, para nortear as reflexões deste estudo, lançamos mão dos aportes teóricos postulados por Bagno (2007:2017), Marcuschi (2007), Preti (2000), Sousa (2020), Silva (2018), Patriota (2004), Moraes (2014), bem como foram utilizadas as pontuações de outros teóricos acerca da área de pesquisa, com o intuito de estabelecer as observações necessárias para a formulação desta análise.

2 OS PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A princípio, pensar no termo “sociolinguística”, para alguns, é algo que gera inúmeras interrogações. De que se trata? O que a junção dos termos sócio + linguística formam em questão de sentidos? Que tipo de ciência é essa e o que ela determina, define, defende? As indagações são muitas, especialmente para os indivíduos que não fazem parte das esferas de estudo da língua, tampouco dos seus vieses político-sociais.

Por essa razão, a fim de buscar responder a essas inquietações, pretendemos, nesta seção, demonstrar o percurso histórico e os pressupostos teóricos da sociolinguística, como estão interligadas as suas origens e precursores, sua ligação com outras ciências sociais e, finalmente, a sua contribuição para o ensino de língua portuguesa. Assim, conforme Sousa (2020, p. 25)

A sociolinguística é uma área de estudo que visa as diferentes variedades de uma língua em seu contexto social, cultural, bem como nas diversas comunidades linguísticas. Assim, discorrer sobre esta ciência implica em abordar sua ligação com a linguística, uma área de estudo que explora a língua, a sociedade e a cultura das comunidades linguísticas.

De acordo com essa explanação, podemos observar a relação que a sociolinguística possui em relação a outras ciências que estudam a língua, principalmente a influência dos preceitos que decorrem da linguística, ciência esta, antecessora dos estudos sociais da língua. Assim, é indiscutível observá-la sem que a ascendência desta outra seja levada em consideração.

A linguística se constituiu como ciência, no sentido que a modernidade deu ao termo, a partir dos últimos anos do século XVIII, quando William Jones, o juiz inglês que exercia seu ofício na burocracia colonial em Calcutá, entrou em contato com o sânscrito. Impressionado com as semelhanças entre essa língua, o grego e o latim, levantou a hipótese de que semelhanças de tal magnitude, não poderiam ser atribuídas ao acaso; era forçoso reconhecer que essas três línguas tinham uma origem comum. (FARACO, 2011, p. 29 apud CABRAL, 2014, p.87).

No entanto, apesar de a sociolinguística possuir origens e predefinições provenientes da linguística, ambas seguem linhas de estudos e ideias que, na maioria das vezes, divergem entre si, isto porque, a linguística (ciência precursora dos estudos da língua) considera a língua em seus aspectos estruturais, e a sociolinguística, por

sua vez, concentra suas teorias através das mutações presentes nela, o que implica em considerá-la na sua essência interacional.

Desse modo, é necessário destacar que os estudos iniciais dessa corrente teórica na qual a sociolinguística está envolvida, partem dos princípios saussurianos mas os reinventam, desconsiderando seus vieses mais estruturalistas e, partindo disto, cria-se uma nova perspectiva de estudos e percepções da língua:

A opção histórica, como seu nome indica, concentra sua atenção no caráter histórico dos fenômenos linguísticos. Nessa perspectiva, a questão da variação linguística, no tempo e no espaço, passa a ser o objeto de estudos. Isso significa, entre outras coisas, que se abandona a ideia de que a tarefa da linguística é identificar uma *essência* da língua, mas se reconhece que as línguas, como todo fenômeno humano e social, *mudam* historicamente e que, portanto, a tarefa de quem quer que seja no estudo *objetivo* da linguagem é *descrever mudanças e descobrir as leis subjacentes a elas* [...] (CABRAL, 2014, p.88).

Dessa maneira, decorrentes destes processos de estudos nos quais, em um primeiro momento tem-se a linguística, a partir de Ferdinand de Saussure (1920), nos quais determina a língua em seu caráter estrutural, surgem, então, outras correntes e teorias de língua e linguagem, bem como a sociolinguística, essencialmente através das contribuições do teórico William Labov (1972), desenvolvendo, ao que interessa a esta pesquisa, a Teoria da Variação.

De acordo com Labov (1972) conforme citado por Souza (2020, p.26) “a língua é variável, está imbuída de transformações e isso decorre da diacronia de uma sociedade multicultural. O mesmo elencou que considerá-la como heterogênea é saber que existem muitos modos de explorá-la na sociedade”, logo, evidencia-se a segmentação do pensamento antecessor que observava a língua como um sistema heterogêneo, acabado e imutável.

Assim, temos os pressupostos que agregam à sociolinguística, como a sua própria nomenclatura sugere, o sentido social, visto que passa a se refletir acerca da língua como um sistema que comporta múltiplas formas de realizar-se, isto porque, cada indivíduo agrega em sua fala um formato único, embora existam diversas semelhanças entre os povos, o que interessa, neste caso, são as particularidades linguísticas de cada sujeito ou grupo, nas palavras de Mollica e Braga (2003, apud SOUSA, 2020, p.25)

[...] o objetivo principal da Sociolinguística é a exploração dos costumes linguísticos de povos em seu contexto social [...] “A sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades”. Nesse sentido, entende-se que ela não está interessada em normas padrões e sim na riqueza cultural de grupos de falantes, nas suas práticas enunciativas e nos seus costumes posto que, ela não prescreve, e sim descreve a forma de como uma comunidade usa a linguagem para interagir.

Tendo em vista as considerações pontuadas pelo autor, evidencia-se a sociolinguística enquanto uma ciência humana que se compromete com o estudo linguístico de modo interacional, observando os sujeitos discursivos e as características presentes nos seu modo de se comunicar entre si ou com o mundo em sua volta, além das implicações sociais que, de certa forma, refletem na criação dos dialetos que, por sua vez, determinam suas regras de uso em cada comunidade falante.

Sendo assim, definem-se os objetos de estudo dessa corrente científica: a língua em sociedade e os seus objetivos; observar suas ramificações e deslocamentos através de mudanças históricas e sociais. A partir disso, defende-se a necessidade da atribuição desta vertente em sala de aula, tendo em vista a importância do desprendimento de velhas bases pedagógicas para que se consiga acompanhar o curso da língua e, assim, melhor compreendê-la.

2.1 As gírias e os códigos de grupos: tipos e conceitos

A priori, é necessário pontuar que, desde os primórdios, há uma interferência direta entre os indivíduos e a sociedade no que diz respeito à organização da comunicação. Nesse sentido, todo tipo de comunicação que circula socialmente parte de alguma esfera social que, não por acaso, é composta por indivíduos que possuem ou não interesses em comum.

Na tensão entre o indivíduo e a sociedade, a divergência do universal e do particular implica, necessariamente, que o indivíduo não se insere de forma perfeita, na totalidade social, mas através de instâncias intermediárias. Essas instâncias intermediárias são as que se encontram abrangidas pelo conceito de grupo (...). Contudo, tanto na sociologia como na linguagem comum, esse termo ainda não obteve um significado inteiramente definido. A palavra grupo, pelo contrário, é algo semelhante ao que a lógica da linguagem chama de expressão ocasional – isto é, um lugar vazio que, segundo o contexto de cada ocasião, se enche de diferentes significados. Sem violentar o sentido da palavra, podemos definir como grupo uma comunidade de interesses, como uma aglomeração casual de indivíduos, uma comunidade unitária no tempo e no espaço ou, pelo contrário, dispersa; uma comunidade cônica de si mesma ou apenas vinculada por algumas

características objetivas. (ADORNO & HORKHEIMER, 1978, p.25 apud MORAES, 2014, p.36)

Conforme o exposto, os grupos surgem entre os sujeitos quase que de modo inconsciente, já que vão se formando através de fatores sociais que os unem: lutas em comum, gostos parecidos, reivindicações, partilha de questões locais ou nacionais etc. São inúmeras as razões pelas quais as pessoas se unificam e, a partir de então, passam a estabelecer suas identidades individual e coletiva.

No entanto, de acordo com Moraes (2014) “Um ônibus cheio de passageiros não seria um grupo, porque eles não têm consciência de interação entre si, simplesmente acontece de estarem no mesmo lugar ao mesmo tempo” (2014, p. 36)”. Assim, podemos constatar que, o conceito de grupo não se reduz ao espaço físico compartilhado, mas a uma situação de interação real e consciente entre os participantes que, uma vez envolvidos em uma condição de cunho coletivo, podem desenvolver métodos e ideais que os representam como um todo.

Desse modo, o estudo com base na análise da formação dos grupos que surgem ao longo dos períodos sócio-históricos, permite que tenhamos a percepção de como os indivíduos agem, se articulam, se comunicam e, principalmente, se expressam em busca de determinado fim, bem como aponta Oliveira (2006, p.8).

Em uma sociedade encontramos diferentes grupos formados por indivíduos com ideias, gostos e ideais semelhantes. O estudo, da maneira como os integrantes de um determinado grupo interagem, permite-nos identificar de que forma as relações ocorrem e como seus membros enxergam o mundo que os cerca.

De acordo com essas explanações, torna-se possível compreender que o surgimento de um grupo parte da união de indivíduos cujos desejos e aspirações se assemelham, sobretudo em questões sociais. Porém, ainda que sejam mais comuns esses tipos de grupos em organizações mais povoadas, isto é, grupos compostos por diversos membros, a exemplo da igreja, escola (alunos, professores etc.), pode-se observar também a formação de pequenos grupos mais privados que comportam um público menor, neste caso, ambos possuem suas classificações:

Os grupos dividem-se em **personais** e **externos**. Os grupos pessoais são aqueles a que pertencem: minha família, minha igreja, minha turma, minha profissão, minha raça, meu sexo, minha nação. Grupos que fazem com que eu me sinta pertencente ao mesmo são grupos pessoais, que podemos utilizar os pronomes de posse “meu, meus, minha e minhas. Os grupos a que não pertencem, por exemplo, outra

turma, outra família etc., são denominados grupos externos.” (MORAES, 2014, p. 37).

Portanto, partindo do que os teóricos mencionados sustentam, existem particularidades que determinam a classificação do que é compreendido por grupos e seus respectivos tipos, assim, podemos afirmar que, cada grupo, pessoal ou externo, partilham de meios e métodos que não apenas auxiliam na comunicação entre eles e com outros grupos distintos, mas que também possuem características específicas que, conseqüentemente, formam suas identidades.

Desta maneira, tratando-se da linguagem que cada indivíduo inserido em determinado grupo emprega para articular a comunicação, observa-se, também, códigos internos pensados para cada situação de uso “Leite (Id.–Ibid., p.30) nos ensina que cada grupo desenvolve uma linguagem específica que diferencia um de outro, o que forma, dentro de uma sociedade maior como a nossa, vários grupos menores (advogados, médicos, professores, operários, estudantes, etc.)

De acordo com o exposto, os grupos determinam seus interesses, suas reivindicações, se unem em prol de determinado fim ou simplesmente pelo compartilhamento de ideias semelhantes. Porém, existe uma gama de conhecimentos linguísticos que podem ser observados a partir de como esses sujeitos produzem essa troca de signos, como aponta Preti (2000)

Nas grandes civilizações, a língua é suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária.

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em *signos*, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística.

Entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode ligar-se à sociologia, abrindo-se, a partir daí, campos novos de pesquisa, em especial o da sociolinguística. (PRETI, 2000, p.12)

Conforme apresentado, a língua e a linguagem são os meios pelos quais os sujeitos estabelecem a comunicação e toda e qualquer situação enunciativa, assim, é importante destacar que cada grupo se vale de termos próprios do ambiente do qual fazem parte para que possam articular suas mensagens.

Deste modo, observamos que, pelo fato de haver uma gama gigantesca de códigos linguísticos distribuídos nos mais diversos contextos, grupos e pessoas, caracterizam-se por variação linguística tudo aquilo que a comunidade de fala utiliza para interagir “A linguagem de um determinado grupo é o que o caracteriza como tal. Ela se manifesta por meio de diversas utilizações em diversas situações. A variação linguística, com base na Sociolinguística, é, por vezes, a identidade de cada comunidade linguística.” (MORAIS, 2014, p.39).

Portanto, é a partir destes pressupostos que observamos as gírias como sendo parte de um sistema de códigos linguísticos, respaldado pela sociolinguística e com características relativas às suas variações, sendo ela regida por normas que sustentam a sua legitimidade.

Para a definição do termo *Gíria*, através das colocações de Bagno (2017), temos:

O termo gíria designa inicialmente um vocábulo próprio de um setor da sociedade tido como marginal. Seus usuários o criam, aprendem e transmitem com finalidades conscientemente crípticas, evitando dessa maneira sua compreensão por pessoas de fora do grupo. Também se emprega o termo para fazer referência a um conjunto de palavras que constituem uma moda de determinado momento dentro de algum setor social específico. Com muita frequência, essas palavras se difundem pelo resto da sociedade ou por grande parte dela.

De acordo com a explanação acima, o autor define dois pontos importantes acerca do conceito das gírias: o primeiro diz respeito a autenticidade desse termo, pois demonstra que é um fenômeno linguístico que se realiza dentro de um espaço social e sob condições específicas, pois é próprio de uma esfera particular. O segundo ponto destacado pelo teórico neste recorte, trata da hostilidade na recepção deste fenômeno em sociedade, o que implica a marginalização do uso desses termos e, conseqüentemente, dos sujeitos que os empregam em seus discursos.

Em concordância, Bagno (2017) segue afirmando a diversidade que compõe as gírias e afirma a sua pluralidade, considerando que “os repertórios lexicais das gírias tendem à diversidade e à mudança, e, nesse sentido, fariam parte dos socioletos, entendidos como as variedades faladas pelas coletividades fechadas em si mesmas e com forte consciência de grupo”.

Desse modo, conforme o autor, as gírias passam a ter uma carga social negativa muito ampla porque a sua constituição e usos partem de esferas nas quais as circunstâncias socioeconômicas, isto é, os seus falantes, são indivíduos que pertencem a minorias, sejam elas de gênero, econômicas, geográficas etc.

A gíria mais característica é a da marginalidade social. As ocupações a que se dedicam aqueles que pertencem a esses setores não estão integradas na estrutura econômica, social e política da comunidade mais ampla e é precisamente isso que permite o surgimento de variedades muito estigmatizadas e fortemente diferenciadas das do resto da comunidade [...]

No que tange às ramificações deste termo em seu valor semântico, para E. Boix e J. Vila (1988) é possível destrinchar três grandes aspectos a serem considerados quando se trata das gírias, sendo esses

- (1) *a procedência social dos falantes*: as gírias refletem a origem geográfica e social predominante dos membros das coletividades concernidas, de maneira que costumam apresentar características das comunidades dialetais mais pobres, traços de grupos imigrantes etc.;
- (2) *a necessidade de definir a realidade* em função das próprias experiências. Levando em conta que se trata de grupos não integrados nem econômica nem ideologicamente na ordem estabelecida, é previsível que as gírias subvertam as ordens de valores institucionais;
- (3) *as necessidades instrumentais dos falantes*: as ocupações dos falantes de gíria exigem certo número de conceitos (técnicos) inexistentes nas variedades a seu dispor. Servem de exemplo, no submundo brasileiro do crime, os termos *alabama* (“pessoa que atrai a outra para jogo de azar”), *mula* (“entregador de droga em grande quantidade”) e *teresa* (“corda feita de trapos para fugir da prisão”). (apud BAGNO, 2017, p.156)

De acordo com estas constatações, determinam-se as razões pelas quais as gírias e seus aspectos de formulação possuem uma carga social tão incisiva, os motivos principais que sustentam esses estigmas partem de fatores que estão instaurados no próprio modelo político e econômico do país, que marginaliza qualquer outro sistema que não seja o padrão de uma parcela social de prestígio, não por coincidência, a esfera dominante.

No entanto, torna-se necessário destacar que, ainda que as gírias façam parte de fenômenos linguísticos considerados informais pelos padrões sociais, é importante destacar que o seu uso está condicionado por fatores que possuem estruturas e definições intrínsecas, que sustentam e dão suporte para a organização desse fenômeno na cotidianidade, conforme defende Morais (2014, p.39)

Os falantes de determinada comunidade linguística tendem a absorver "leis" ou normas que indiquem um mesmo modo de comunicação. O que faz com que o grupo consiga se comunicar é a norma, ou leis que regem o sistema linguístico. É o que regula a linguagem para que a comunidade linguística se compreenda entre seus falantes.

Ou seja, são as necessidades de se comunicar de maneira uniforme, seguida pela formulação de códigos próprios destinados às trocas de mensagens, que vão surgindo os vocábulos presentes na fala e no cotidiano dos indivíduos, que fazem seu uso a partir das normas que as regem:

Nos vários grupos sociais, a tendência para uma diversificação maior nos *atos de fala*, prejudicial do ponto de vista da comunicação, é contida pelo que chamamos de *usos* ou *normas* linguísticas. Para entendermos seu conceito, devemos lembrar que cada falante atua de acordo com certos comportamentos linguísticos constantes na comunidade em que vive e eleitos como ideais para comunicar e transmitir as informações necessárias nos vários momentos de sua vida em comum. Esses hábitos linguísticos coletivos, em constante, mas lenta renovação, ganham gradativamente força de convenções tácitas, leis, admitidas pela maioria e conservadas através das gerações com características prescritivas. Constituem os *usos* ou *normas*, todos concordam quanto ao seu caráter social, visando aos interesses da comunicação no grupo. (PRETI, 2000, p.49).

Por fim, é importante destacar que, assim como todo e qualquer termo presente na língua, as gírias e seus respectivos usos estão condicionados pelas demandas sociais que fazem parte dos processos sócio-históricos: são termos que surgem e que se reinventam, que se atualizam, mas que também podem entrar em desuso. Contudo, é imprescindível que estes fenômenos possam ser observados porque, além de demarcarem a identidade linguística dos falantes que as utilizam, de igual modo, no caso dos alunos e a relação com o ensino de Língua Portuguesa, este fator se torna ainda mais significativo pelo fato de tornar possível um ensino/aprendizagem que garanta a autenticidade das experiências linguísticas dos discentes, enriquecendo o projeto pedagógico.

2.2 Implicações da sociolinguística e sua importância para o ensino de LP no Brasil

Diante do exposto em relação a sociolinguística e o conjunto de conhecimentos, teorias e definições que esta corrente científica comporta, partimos para outra ideia equitativamente necessária: as contribuições dela em favor do ensino de língua portuguesa nas escolas.

Segundo Sousa (2020, p.23), “Mesmo reconhecendo que a língua é heterogênea, sócio-histórica e variável, ainda vigora no ambiente educacional, a cultura gramatical, pois nem sempre essa visão procede na prática diária de ensino [...]”. Ou seja, ainda que, atualmente, as concepções de língua já estejam caminhando em direção a uma reformulação do pensamento postulado pela gramática normativa, ainda vigora, especialmente nos materiais pedagógicos, os preceitos que a limitam ao seu modo estrutural.

Nesse sentido, o ensino de LP sob a ótica da sociolinguística ganha uma imensa relevância pelo motivo de que esta ciência se preocupa com a língua em percurso, sua maleabilidade face às mudanças que ocorrem. Daí a necessidade de trabalhá-la em sala de aula, essencialmente pelo fato de que os alunos precisam associar o sentido do que se estudam para com a sua vivência, os seus hábitos linguísticos e seu cotidiano. A este respeito, Souza (2020, p,28) aponta:

O seu objetivo não deve ser ensinar os falantes a imitar o que as demais comunidades linguísticas falam, a saber, o léxico próprio da região situada e sim fazer com que os discentes conheçam-nas e revalorizem-nas. Outro ponto praticamente importante é que ela não veio para menosprezar e nem extinguir a norma culta, mas fazer com que os professores reflitam que, não é eficaz um ensino voltado apenas pela Gramática Prescritiva. Aulas em que haja comunhão com o padrão e o não padrão são pertinentes, todavia, se houver apenas a prática padrão e a segregação do não-padrão é improdutivo porque é papel da escola elencar as duas possibilidades e conscientizar aos alunos as possíveis situações em que elas podem ser faladas, com isso tem-se um espaço educacional diversificado e não unificado.

Conforme o exposto, observa-se uma preocupação no que se refere ao espaço destinado a observação dos fenômenos linguísticos no ensino, assim como, de acordo com o autor, é possível que esta ciência seja aplicada sem desconsiderar as demais, algo que é de extrema importância, tendo em vista que uma prática de ensino não se sobrepõe à outra, ao contrário disso, ambas são complementares caso a condução deste ensino ocorra da maneira adequada pelo docente.

Assim, o estudo pautado na observação da língua e sua versatilidade é algo já previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que se trata de um documento nacional que determina o conjunto de aprendizagens essenciais para o ensino em suas etapas, como aponta Souza (2020, p.31)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em uma de suas competências sobre o ensino de língua portuguesa, discorreu que a

língua é intensa, dinâmica e mutável e que o papel do professor é fazer com que os alunos conheçam essa dinamicidade [...] Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular, (BRASIL, 2017, p. 508), orienta a “analisar o fenômeno da variação linguística em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.) [...]”

Desse modo, é importante destacar que grande parte desses processos de ensino em que a língua obtém o destaque em detrimento de regras e normas impostas por questões sociais e históricas definidas desde a nossa colonização, frisamos a necessidade de que os educadores também busquem atender para os novos contextos de ensino e, a partir de então, possam conduzir suas aulas de LP desenvolvendo as habilidades linguísticas dos educandos e, assim, elevando o ensino-aprendizagem a um grau significativamente positivo.

2.2.1 O livro didático: breves reflexões acerca da composição do material pedagógico

Pensar a respeito da escola e de toda a sua construção enquanto instituição social, implica refletir sobre as particularidades que as compõe e que auxiliam no processo de ensino para que esse ocorra de modo organizado, isto é, são os aparatos utilizados e pensados para o ensino que vão servir como uma espécie de direção para que se conduza a aprendizagem: assim são idealizados os livros didáticos de toda e qualquer instância na educação.

Em vista disso, mediante a tendência que se fixou ao espaço escolar no seu sentido físico, é impossível imaginar esse mesmo ambiente sem que, de antemão, tenhamos em mente todos os aspectos que fazem parte da sua construção, bem como cada mecanismo utilizado para auxiliar na metodologia do ensino: são as lousas, canetas, cadernos, manuais e, principalmente, o livro didático, conforme aponta Mendonça (2021, p.1)

Os livros didáticos são tão próprios das escolas quanto o quadro, as carteiras e o giz. Parte da paisagem pedagógica, eles não só a compõem, como permeiam e medeiam práticas sociais nas quais a leitura e a escrita constituem as interações, as tais práticas de letramento. E isso extrapola o contexto da sala de aula. Pela amplitude do seu alcance pedagógico e por sua complexidade inerente [...] interessa a pesquisa brasileira, especialmente nos campos da Linguística Aplicada e da Educação” (MENDONÇA, 2021, p.1)

De acordo com a autora, os livros didáticos tornaram-se ferramentas genuinamente ligadas às características do ambiente escolar, tão comuns às comunidades docentes e discentes, a direção e qualquer indivíduo que, não necessariamente tenha pisado os pés em uma escola, isto porque o LD é algo intrinsecamente relacionado ao ensino, uma vez que se trata de uma ferramenta pedagógica utilizada na sala de aula desde os primeiros anos da educação básica até as últimas fases acadêmicas.

Sobre essas constatações, é importante destacar que, tão necessário para o ensino que se tenham ferramentas que possam nortear as áreas de estudos em determinado ano da educação, é também importante que esse “guia” seja configurado de modo adequado, levando em consideração as demandas sociais as quais os sujeitos que farão usos desses materiais estão submetidos, nesse caso, os alunos.

Em concordância, segundo Mendonça (2021), ainda que haja um interesse na pesquisa e análise dos conteúdos e componentes que fazem parte dos LDs no Brasil e estes tenham resultado, ao longo de prováveis trinta anos de pesquisas, em dados relevantes para a reflexão do uso desses materiais, ainda há muito o que se observar acerca das configurações dispostas nessa ferramenta pedagógica

Para tanto, passou-se a considerar a análise antecedente do material:

No final dos anos 1990, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do MEC, passou a garantir aos estudantes brasileiros o direito de acessar materiais didáticos de qualidade. Rompeu a antiga lógica do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que adquiria os LD's por cotação de preço e sem avaliação técnica. Sim, quase uma xepa em feira livre: É quanto? Faz menos? Levo! E nem tínhamos a chance de escolher a melhor barraca, com as melhores frutas” (MENDONÇA, 2021, p.3)

Dado o exposto, compreende-se que havia uma inquietação por parte da escolha desses instrumentos sem que passe por uma avaliação crítica de seus componentes, seus aspectos teóricos e suas configurações de um modo geral no que diz respeito aos aspectos metodológicos para o ensino. Inicia-se, por outro lado, uma busca por selecionar, nesse recurso didático, aquilo que é de fato necessário para a comunidade que irá fazer o seu uso.

A esse respeito, Mendonça (2021, p.3) sustenta que existem algumas razões que favoreceram as investigações sobre os aspectos constituintes dos LD's, sobretudo no que tange os manuais de Língua Portuguesa no Brasil, essencialmente

por se tratar de um país heterogêneo, onde concentra-se uma diversidade sociocultural extensa.

“[...] temos visto avanços significativos no âmbito da coerência pedagógica e da conceitual dos LD's de português, tanto graças Às exigências do PNLD quanto a outras políticas públicas que impactam currículos e, portanto, materiais pedagógicos, menciono alguns desses avanços, como a lei 10.639/03, que obriga as escolas de ensino fundamental e médios a ensinarem história e cultura afro-brasileira e, incluindo estudo da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura afro-brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Cito ainda a Lei 11.6445/08, que também tornou obrigatório o estudo da história e da cultura indígena, incluindo a contribuição desses povos originários na formação da sociedade brasileira, conforme a lei anterior”.
(MENDONÇA, 20221, p.3)

Por conseguinte, através das regulamentações impostas pelos órgãos responsáveis pelo regimento do ensino e, desse modo, das ferramentas pedagógicas para realizá-lo, tornou-se mais incisiva a necessidade de avaliar os LD's, para que as propostas inseridas na escolha do material acompanhem as demandas vigentes na sociedade, isto é, considerar os aspectos sociais para além do contexto escolar, tendo em vista as carências do ensino em instâncias coletivas.

Destarte, Mendonça (2021) pontua que a mudança no quesito de diversidade de conteúdos presentes nos LD's é algo que vem recebendo destaque ao longo dos tempos, principalmente em se tratando do conhecimento das culturas coexistentes no país, através do acesso à s heranças artísticas advindas de outras nacionalidades, tal qual a afro-brasileira, ou nacionais, como a indígena:

O repertório dos textos oferecidos se ampliou muito, tanto em termos de esferas, para além da literária, da jornalística e da escolar; quanto em termos de linguagens e mídia. Mais recentemente, os alunos têm tido acesso ao patrimônio artístico afro-brasileiro e indígena de autoras e autores brasileiros e de outros países de língua portuguesa. Mesmo com tais avanços, há muito o que aprimorar nos LD's, como o trabalho com a língua portuguesa falada no Brasil contemporâneo e a exploração de conhecimentos linguísticos em uma perspectiva mais reflexiva”
(MENDONÇA, 2021, p.3)

Portanto, buscar analisar os LD's propostos para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, é uma tarefa que ultrapassa a esfera educacional porque é indispensável a reflexão acerca de fenômenos recorrentes em sociedade que, em sua maioria, se interligam a culturas diversas fundidas com as nossas e, assim, constituem a pluralidade social, sendo necessário observá-las e incluí-las nos

materiais pedagógicos para que se consiga obter a notoriedade devida, ainda que não seja um trabalho simples, haja vista os diversos aspectos que precisam fazer parte do conhecimento comum e que se inicia nas escolas, através da mediação dos materiais didáticos.

2.3 Do dia a dia para a sala de aula: a importância de trabalhar os vocábulos presentes no cotidiano dos alunos

É sabido que, tão importante quanto dominar as regras e normas linguísticas que fazem parte dos planos pedagógicos presentes nas instituições de ensino, seja esta da rede pública ou privada, também é necessário que a escola, isto é, direção e professores, possam voltar os seus olhares para tudo aquilo que faz parte do cotidiano da instituição, ou seja, o que gira em torno daquela localidade, o dia a dia dos alunos e todas as questões socioculturais que existem naquela determinada esfera social.

Assim, conforme o modelo estrutural do ensino que, desde os primórdios, tem raízes muito fortes ligadas às prescrições da gramática normativa, o estudo de línguas considerando o seu caráter de uso, acaba ficando em segundo plano por diversos motivos, um dos mais fortes se dá pela exigência social por parte dos exames nacionais, vestibulares e concursos públicos que impõem esses requisitos para fins de aprovação.

No entanto, pensar e trabalhar na sala de aula os preceitos que regem a língua como organismo vivo e social, é algo que vem sendo proposto já na LDB (Lei de Diretrizes e Bases para a Educação), define a importância do ensino-aprendizagem voltado para a língua em sociedade e seus aspectos interacionais, bem como as questões linguísticas e culturais arraigadas à vida dos discentes:

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação – LDB (Lei nº 9.394, de 1996) defende toda heterogeneidade que reflita no pensar através de diferentes formas de linguagem e ensinar com diferentes formas de fazer aprender: “III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas” (p. 1, 1996), subjaz, diversos métodos que aprimorem o ensino de língua. O objetivo não é defender uma substituição do que está posto, mas trazer um debate nos métodos de ensino e aprendizagem com capacidade de inserir a gíria em uma discussão construtiva acerca do funcionamento da língua pois a gramática normativa, o livro didático, o quadro e o giz são relevantes e tornaram-se peças culturais quando nos referimos ao ensino e aprendizagem, porém, esse conjunto não é mais único em sala de aula.” (SILVA,2018, p.02).

De acordo com o exposto, as instituições de ensino, bem como todo o corpo profissional que faz parte delas, devem atentar para o fato de a educação, em especial o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, necessitar de um aprimoramento no que diz respeito aos métodos pedagógicos pensados para a atualidade, posto que, ministrar aulas sob a ótica dos modelos arcaicos de ensino é algo que não surte mais “efeitos” positivos para a aprendizagem porque não agregam todo o conhecimento que envolve a língua em suas múltiplas facetas.

Não há “imobilidade absoluta”, conforme Saussure (2006, p. 163), mesmo este defendendo o estruturalismo. Então o que se presencia é a gramática sendo apresentada como a detentora do que realmente é a língua, isto é, regras a serem seguidas. Ela (gramática) tem a sua devida importância dentro do ensino e aprendizagem, porém, como ela está sendo e/ou vem sendo passada é que precisa ser mudado, pois já demonstrou precariedade através do método tradicional [...] (SILVA, 2018, p.02).

Com isso, o papel do professor na sala de aula se torna algo de grande importância para que o ensino se torne, de fato, efetivo. É preciso que haja o desprendimento de velhas bases que não abarcam todas as especificidades presentes na língua para que, finalmente, estes aspectos sejam trabalhados de modo eficaz. Para tanto, é necessário que o docente saiba não apenas conduzir o ensino, mas que também possua a destreza necessária à compreensão da funcionalidade da língua:

[...] o professor não deve taxar como errada a variedade linguística do aluno, ele deve apresentar os diversos conceitos que demonstram as variedades linguísticas e suas diversas formas de comunicabilidade, seja através de textos escritos ou orais, pois a gíria é uma variedade passiva de comunicabilidade, ou seja, entendem-se uns aos outros independente do dialeto de sua oralidade; assim como todas as outras: regionalismos, jargões. O diferencial é fazer com que o aluno compreenda que a linguagem é mutável, e exige do falante uma adaptação de acordo com cada situação vivida” (SILVA, 2018, p.03).

Neste sentido, tão importante quanto o professor aplicar em sala de aula as teorias que tratam a língua e suas variedades, é relevante, também, que o profissional possua a consciência de que esta vertente de ensino, na qual as variedades linguísticas são consideradas, torna-se, também, de extrema relevância que as particularidades linguísticas dos alunos sejam levadas em conta quando se trata das perspectivas semânticas e lexicais, ou seja, as projeções orais que os alunos realizam na sua comunicação e que podem servir para um estudo estrutural, como a utilização

delas para fins didáticos, a exemplo de uma produção textual, um exercício de reflexão dos termos presentes nos discursos deles próprios e suas ligações com os aspectos sociais de cada um, entre outros, são diversas possibilidades que o exercício do ensino de língua na perspectiva variacionista permitem e cabe ao professor colocá-las em prática.

Desse modo, o estudo dos fenômenos das gírias, que faz parte das variedades presentes no ato de se comunicar, é algo que remete ao que a sociolinguística aponta como sendo parte dos processos de transformação aos quais a língua está submetida. Conforme Silva (2018), “A variedade linguística deve ser vista como fenômeno do processo civilizatório caracterizado pela contemporaneidade decorrente da evolução humana, que é natural.”

De acordo com as exposições anteriores, a utilização das gírias enquanto ferramenta para o ensino preocupado com as pautas da sociolinguística variacionista, se torna ainda mais indispensável pelo fato de representar, no caso dos alunos, uma parte essencial das suas identidades discursivas, porque, a partir delas, é possível que se conheça todo o seu contexto de produção, ou seja, os grupos dos quais eles fazem parte, suas crenças, ideologias etc.

A gíria é uma matéria-prima presente na oralidade do aluno em sala de aula e que poderia ser aproveitada pelo professor com o objetivo de demonstrar os processos constitutivos e constituintes da linguagem, pois “O objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem” (BRASIL, 1998, p. 22 apud SILVA, 2018, p. 05).

Por conseguinte, os empecilhos advindos da falta de conhecimento acerca das gírias nos livros didáticos se dão, em sua grande maioria, pelo fato de haver uma grande depreciação histórica por este tipo de linguagem que, quase sempre, está relacionada de forma pejorativa a pessoas e grupos marginalizados socialmente, como aponta Patriota (2014) “Vocábulo típico da linguagem oral, [...], desde seus primeiros representantes – mascates da Idade Média – é ligada diretamente aos grupos marginalizados e excluídos da sociedade”.

Assim, a ideia de se trabalhar as gírias no ambiente escolar, passa por diversas instâncias sociais e de preconceito para que só então, possa ser desenvolvida. Não obstante, as definições acerca deste vocábulo, representam

toda as acepções expostas anteriormente a respeito do tratamento deste termo, os quais retratam de modo pejorativo e desprestigiado

O Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa (2010, p. 379) define gíria como: “sf. 1. Linguagem de malfeitores, malandros, etc. [...] 2. Linguagem que, nascida em certo grupo social, termina estendendo-se à linguagem familiar”

Portanto, torna-se fundamental que haja uma quebra no pensamento tradicional pautado nas regras normativas de ensino, que já não abarcam toda a gama de conhecimentos relacionados a totalidade linguística dos alunos, para dar espaço ao que de fato mostra-se relevante, pois, tratar a língua em seus múltiplos aspectos é uma ideia não apenas transformadora, mas, essencial e humanamente indispensável à compreensão dos fenômenos da fala nas instâncias das comunicações.

Para tanto, o papel do professor face aos obstáculos encontrados na concretização do fazer pedagógico de modo significativo, deve ser algo pontuado dia após dia no ambiente escolar: é necessário que se tenha a autonomia profissional necessária e que a instituição esteja não só disposta a abraçar novas modalidades e métodos de ensinar e aprender, mas que também forneça o material didático adequado para fazê-lo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

No contexto da linguagem, essencialmente no ensino de Língua Portuguesa, focalizando tanto o seu uso quanto a sua prática social, ou seja, os fatores que atribuem a nossa língua a condição do lugar social dos indivíduos que, de algum modo, se comunicam entre si e assim demarcam suas identidades, a pesquisa voltada para a observação dos fenômenos linguísticos que envolvem o seu uso não apenas no cotidiano, mas também no ambiente escolar, se torna uma ferramenta para que estes fenômenos adquiram a notoriedade adequada, construindo uma melhor compreensão acerca deles.

Assim, esta pesquisa científica possui uma abordagem qualitativa de teor interpretativista e do tipo descritivo-explicativo, segundo o qual buscamos descrever e explicar as formas de conceber e de ensinar o uso da gíria em um livro didático de Ensino Médio, tentando compreender as causas e os efeitos das escolhas feitas pelos seus produtores a partir de generalizações pautadas em nosso referencial teórico.

Concomitantemente, o método dessa pesquisa se caracteriza como um estudo de caso uma vez que se propõe a investigar um único objeto de estudo.

Sobre essa definição, Paiva (2019, p.65) sustenta que "estudo de caso é um tipo pesquisa que investiga um caso particular constituído de um indivíduo ou grupo de indivíduos em um contexto específico".

Ainda se tratando do estudo de caso, Denzin e Lincoln (1988) apontam:

Temos um estudo de caso quando o objeto de estudo é único e específico. É único porque tem apenas um objeto de estudo, por exemplo, um sistema de ensino ou um componente desse sistema: uma de suas escolas, vista como um caso único, ou uma sala de aula de uma dessas escolas, ou mesmo um grupo específico de alunos, ou o trabalho de uma professora. E é específico porque tem como foco uma questão específica sobre aquele caso que queremos entender. (apud PAIVA, 2020, p.66)

De acordo com Paiva (2019, p. 68) "o pesquisador pode optar por um único caso (por exemplo, avaliar o uso de um livro didático em uma sala de aula) [...]". Assim, definimos o LD de língua portuguesa da rede privada de ensino na Paraíba, destinado ao 3º ano do ensino médio, em uma escola localizada em um bairro na cidade de João Pessoa - PB como objeto de estudo nesta pesquisa, a fim de verificar o trabalho com as gírias nas seções do LD destinadas ao ensino de gramática.

A coleta de dados ocorreu a partir da análise dos componentes dispostos no material didático citado, bem como das atividades dispostas nele em suas seções, a fim de verificar como se desenvolveu o trabalho com as gírias nesses itens. A seleção do material ocorreu através das suas repartições, posto que está dividido em três áreas de conhecimento: gramática, literatura e inglês. Selecionamos, portanto, a primeira e assim definimos o nosso *corpus*.

4 ANÁLISE DE DADOS: A CONFIGURAÇÃO DAS GÍRIAS NO LD DO ENSINO MÉDIO

Para buscar atender aos nossos objetivos pré-estabelecidos, selecionamos o volume 1 do LD Dom Bosco, que trata de um material didático pré-vestibular, empregado em uma escola da rede privada de ensino na cidade de João Pessoa – PB. O material semiextensivo está dividido em três áreas de conhecimento distintas, sendo elas 1) Gramática 2) Literatura e 3) Inglês. Delimitamos a nossa análise, portanto, à seção 1, acerca da gramática e as concepções de língua e linguagem que fazem parte desse capítulo.

Por se tratar de um material didático cuja finalidade central é a preparação para exames e vestibulares após a saída do ensino médio, têm-se a noção precipitada de que o livro irá se desenvolver de forma sistematicamente pensada para as provas de seleção, tal qual o ENEM. Entretanto, assim que folheamos as primeiras páginas do material que irá tratar do ensino de gramática, nos deparamos com as definições acerca da língua portuguesa considerando o seu percurso histórico e, conseqüentemente, as suas transformações.

Com isso, logo no início do livro temos as primeiras proposições acerca do ensino de LP e das habilidades que se pretende desenvolver com base nos apontamentos presentes na divisão “História da Língua portuguesa” conforme demonstrado abaixo:

- 1) Compreender a importância de se conhecer a Língua Portuguesa como parte integrante do conhecimento da língua materna e sua consequente valorização
- 2) Identificar o desenvolvimento da Língua Portuguesa ao longo de diferentes épocas [...]
- 3) Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
- 4) Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.
- 5) Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
- 6) Relacionar as variedades linguísticas situações específicas de uso social.

- 7) Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.
(BOSCO, 2019, p.6)

Dadas as explanações expostas nas páginas iniciais do material didático, em especial no que se referem às habilidades 3), 4) e 6), pelos motivos de que esses objetivos refletem o ensino de língua materna voltado para as questões extratextuais, percebe-se que se considera o ensino de LP para além do seu teor estrutural, conforme aponta Bagno (2007, p. 17):

[...] O fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica, automaticamente, que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo. Na verdade, como costume dizer, o que habitualmente chamamos de português é um grande “balaio de gatos”, onde há gatos dos mais diversos tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém-nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos etc. Cada um desses “gatos” é uma variedade do português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional.

De acordo com o autor, o Brasil engloba uma diversidade linguística muito ampla, daí a necessidade de observá-las e refleti-las através do ensino de LP, sobretudo quando as ferramentas utilizadas para isto (os LDs) são construídas em conformidade com essa visão de ensino.

No livro semiextensivo analisado, logo após uma relevante exposição da história da língua portuguesa no Brasil, na qual listamos os tópicos nomeados “*A língua portuguesa no mundo* (p.6)”, “*A origem* (p.6)”, e o detalhamento das ramificações do português como “*português arcaico* (p.7)”, “*português clássico* (p.7)”, “*português moderno* (p.7)” e os recortes que definem a “*língua* (p.8)”, e a “*língua escrita e língua falada* (p.8)”, pontuamos de forma positiva a preocupação introduzir ao material os aspectos da língua e as influências que ocorreram através do contato com povos de culturas diversas desde a nossa colonização, bem como as implicações desses acontecimentos para a formulação do português no Brasil e as definições de língua e linguagem que temos hoje.

De antemão, evidenciamos que o livro didático em questão possui um condicionamento para o ensino de LP próximo aos preceitos da sociolinguística, pois conceitua a língua em suas raízes interacionais. Assim, partimos para a observação, nas unidades seguintes, a respeito de como estão inseridas e distribuídas as

atividades dispostas no livro para o ensino gramatical, em que o uso das *gírias* deve (ou deveria) ser trabalhado.

Na subseção posterior à primeira já mencionada, temos “*Linguagem verbal e não verbal e níveis de linguagem* (p.19)” na qual damos destaque as habilidades nº 3) “adequar o nível da linguagem ao contexto de uso”, 4) “reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa em suas diferentes aplicações” e 5) “associar as variedades linguísticas ao uso social adequado da comunicação”. Evidenciamos, nessas finalidades, a ideia de que os níveis de linguagem a serem considerados no contexto de ensino vigente, precisam ser levados em conta através do seu grau de utilização no cotidiano dos falantes

A este respeito, Patriota (2004) afirma:

[...]Sendo a instituição escolar um lugar social, responsável pela produção e divulgação de conhecimentos, informações e opiniões e estando a *gíria* no cotidiano de quase todos os segmentos da sociedade, estudar e analisar seu uso dentro do contexto da escola proporcionará aos falantes da língua o domínio de variações linguísticas distintas e os preparará para saber adequar sua linguagem a cada situação de uso que vivenciar, tanto na modalidade escrita como na oral.

Partimos, portanto, para a observação do nosso foco de análise no livro didático citado: onde estão inseridos os estudos acerca da *gíria* nessa seção e de quais formas eles estão sendo trabalhados? Entretanto, ainda que a obra em questão esteja, aparentemente, envolvida nas questões sociointeracionais acerca dos estudos de LP, notamos a escassez de elementos e atividades que levassem à compreensão da *gíria* como um fenômeno linguístico natural do dialeto dos jovens (inclusive dos alunos que terão contato com esse material) em evidência, demonstrando o seu valor semântico.

Ainda na mesma subseção intitulada por “*Linguagem verbal e não verbal e tipos de linguagem*”, verificamos um princípio de aparição do ensino das *gírias*, através de duas questões retiradas de provas de vestibulares, como demonstra-se nas figuras a seguir:

Figura 1: Questão 5 do LD

5. Vunesp

– ã-hã, quer entrar, pode entrar... Mecê sabia que eu moro aqui? Como é que sabia? Hum, hum... Cavalo seu é esse só? Ixe! Cavalo tã manco, aguado. Presta mais não.

ROSA, João Guimarães. *Estas estórias: Meu tio o laurêê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p. 126.

Observando-se a variedade linguística de que se vale o falante do trecho acima, percebe-se uso de:

a) linguagem marcada por construções sintáticas complexas e inapropriadas para o contexto, responsáveis por trincar a comunicação e dificultar o entendimento.

b) linguagem formal utilizada pelas pessoas que do-

Fonte: (BOSCO, 2019, p.26)

Figura 2: Questão 6 do LD

6. Fuvest-SP (adaptada)

As pessoas ficam zoando, falando que a gente não conseguiria entrar em mais nada, por isso vamos prestar Letras", diz a candidata ao vestibular. Entre os motivos que a ligaram à carreira estão o gosto por literatura e inglês, que estuda há oito anos.

Folha de S.Paulo, 22/10/12. (Adaptado).

As aspas assinalam, no texto acima, a fala de uma pessoa entrevistada pelo jornal. Identifique duas marcas de coloquialidade presentes nessa fala.

Fonte: (BOSCO, 2019, p.26)

Seguindo a mesma linha, temos, no fim desta subseção, um outro exemplo sobre a aparição das *gírias* no LD:

Figura 3 – Questão 20 do LD

a) contexto sócio-histórico.
b) diversidade técnica.
c) descoberta geográfica.
d) apropriação religiosa.
e) contraste cultural.

20. Enem C8-H25

PINHÃO: sai ao mesmo tempo que BENONA entra.
BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.
EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.
BENONA: Mas, Eurico, nós lhe devemos certas atenções.
EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio

a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado da verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a peste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

Nesse texto teatral, o emprego das expressões "o peste" e "cachorro da molest'a" contribui para:

a) marcar a classe social das personagens.
b) caracterizar usos linguísticos de uma região.
c) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
d) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
e) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

Fonte: (BOSCO, 2019, p.30)

De acordo com as questões postas para que os alunos identifiquem as marcas da oralidade presentes no trecho exposto, notamos uma tentativa de abordagem das *gírias* de uma forma breve, sem que muitos pontos acerca da reflexão do seu surgimento, os porquês que envolvem a utilização daquele vocábulo naquela situação específica e por aquele falante específico fossem esclarecidos e/ou refletidos. São espaços que necessitariam de uma reformulação para que se cumprissem as propostas pedagógicas mencionadas na introdução do capítulo no que se refere aos estudos da língua em contextos de uso e suas relações com os fatores sociais.

Para Patriota, a *gíria* se trata de um aparato linguístico que possui imensa relevância para o ensino de LP porque tornou-se um fenômeno passível de análise, pela sua carga de representação dos sentimentos, das identidades e da visão mundo na qual cada sujeito social está envolvido. (PATRIOTA, 2004, p.54)

Dando continuidade à análise das subseções posteriores no LD, destacamos o terceiro e último recorte do livro correspondente a área dos estudos de gramática, intitulada por “*Denotação e conotação, variação e norma*”, na qual as habilidades a serem trabalhadas no decorrer da unidade temática, são as seguintes:

- 1) Identificar os efeitos de sentido que resultam da utilização de determinados recursos linguísticos.
- 2) Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
 - 3) Cultura, linguagem e língua
 - 4) Conceitos e tipos de variação linguística.
 - 5) Gíria e jargão.
 - 6) Relação entre variação e adequação.
 - 7) Estilo linguístico. (BOSCO, 2019, p.31)

Dado o exposto, ressaltamos a assertiva de, neste material didático, haver uma tentativa de destinar um espaço para tratar a respeito das *gírias*, ainda que compartilhado com outros segmentos pedagógicos (*denotação e conotação*). Assim, daremos ênfase às habilidades citadas nos pontos 3), 5) e 6) que, espera-se, tratar dos ensinamentos sobre as *gírias*.

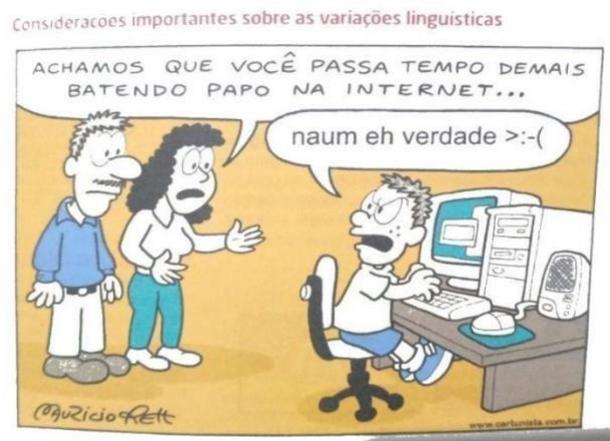
Desse modo, assim que folheamos as primeiras páginas do livro a partir desse capítulo, nos deparamos com as definições de *conotação* (p.32), os conceitos de *cultura, língua e linguagem* (p.32), logo após, a definição acerca de *variação linguística* (p. 32) e seus respectivos tipos, os quais dividem-se, de acordo com o

material em 1) *variação histórica*, 2) *variação geográfica ou diatópica*, 3) *variação social ou diastrática*, e, por último, 4) *variação situacional ou diafásica*.

Destacamos como positivas as explicações iniciais dessa unidade por tratar, ainda que de forma breve, sobre as concepções relacionadas ao que defende a Sociolinguística em relação aos estudos da língua, principalmente no que se refere a área de gramática.

Concomitante às definições sobre as variações linguísticas, temos, finalmente, as pontuações sobre as *gírias*. De início, apresenta-se um cartum (p.34) que corresponde aos usos das gírias em uma situação cotidiana, conforme exposto na figura a seguir:

Figura 4: Cartum sobre as variantes linguísticas.



Fonte: (BOSCO, 2019, p.34)

Compreendemos como positivo o destaque ao ensino e explicação de gíria através desse cartum que, de certa maneira, representa o uso da gíria em um contexto de uso, no entanto, analisando a forma que a gíria é destacada no cartum, isto é, as implicações negativas do uso da internet através da construção “achamos que você passa muito tempo na internet”, o que é um problema, considerando a expressão facial dos personagens que proferem esse discurso, o sujeito receptor da mensagem retruca com o uso de uma expressão que tornou-se uma gíria no campo digital, “naum eh verdade >:-)“

Observamos, portanto, que o tratamento desses vocábulos, demonstram uma carga de sentido negativo por parte do uso deles, o que contradiz os objetivos tratados na página inicial da unidade, que defendem a discussão da língua de forma que sejam consideradas as particularidades linguísticas das esferas de comunicação das quais os falantes fazem parte.

Por fim, nas páginas subsequentes, há uma breve aparição do conceito de gíria, a qual corresponde:

Figura 5 – Conceito de gíria

Gíria

Trata-se de palavras e expressões que entram e saem de moda, de acordo com a época. Comumente se originam em grupos sociais, marginalizados ou não, que estabelecem um "código" entendido só por eles. Atualmente, entende-se a gíria como expressões de grupos específicos, porém, tem seu uso normalmente vinculado à linguagem oral e informal.

Fonte: (BOSCO, 2019, p.35)

Constatamos, portanto, que esta definição reduz o uso das gírias em seu caráter usual, ou seja, vinculado apenas a esfera oral da língua, quando, na verdade, trata-se de um fenômeno que pode exercer contribuições significativas ao ensino de LP, conforme sustenta

Numa visão mais ampla, a gíria, atualmente, não é mais vista apenas como deficiência de leitura, falta de escolaridade, desconhecimento da norma culta e tantos outros preconceitos que sempre a cercaram. Hoje, a gíria representa uma opção de uso a mais da linguagem, um recurso expressivo para representar os sentimentos e a visão do mundo no qual se vive". (PATRIOTA, 2004, p. 54)

Conforme defende a autora, o ensino de LP e, nesse caso, das gírias, ultrapassam as condições das gramáticas normativas que postulam como inadequadas o seu uso, principalmente dentro da esfera escrita "a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem, porém, esbarra nos preconceitos sociais" (MARCUSCHI, 2007, p.47).

Nesse sentido, apesar de, inicialmente, haver algumas explicações e até demonstrações sobre as variantes linguísticas e, conseqüentemente, do uso das gírias, as atividades propostas nessa unidade seguem regidas, em sua maioria, pelos estudos sobre *Denotação* e *Conotação*. Assim, a gíria só aparece no final do recorte, de forma retraída, através de uma questão de uma prova da Vunesp, conforme a figura a seguir:

Figura 6: letra da canção do grupo Racionais MC's.

13. Vunesp

Olha o meu peço nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o fiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
E, brincam do jeito que dá
[...]
Olha só aquele clube, que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
[...]
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

Racionais MCs. Fim de semana no parque. *Rain-X do Brasil*.
São Paulo: Zimbalzwue, 1993. (Fragmento).

Fonte: (BOSCO, 2019, p. 42)

A letra da canção composta e cantada pelos Racionais MC's é carregada de sentidos e expressões orais e que são gírias linguísticas presentes no dialeto dos jovens, tais quais “*carango*”, “*toda equipada*”, “*molecada*”, “*que da hora*”.

Porém, a proposta da atividade consiste em

- 13 - A letra da canção apresenta uma realidade social quanto a distribuição distinta dos espaços de lazer que
- A) a ausência de opções de lazer para a população de baixa renda, por falta de espaço adequado.
 - B) Ressalta a relevância das opções de lazer para diferentes classes sociais, que o acessam a sua maneira.
 - C) Expressa o desinteresse das classes sociais menos favorecidas economicamente pelas atividades de lazer.
 - D) Implica retrata condições desiguais de acesso ao lazer, pela falta de infraestrutura e investimentos em equipamentos.
 - E) Aponta para o predomínio do lazer contemplativo, nas classes favorecidas economicamente; e do prático, nas menos favorecidas.
- (BOSCO, 2019, p.42)

Observa-se, portanto, que a questão, ainda que composta por diversas exposições de vocábulos gírios, é regida pela instrução que rege o sentido de denotação e conotação, a fim de encontrar o propósito da letra da canção sobre o lazer e as condições de desigualdade social, logo, mesmo que esta seja uma pauta relevante para o ensino, não corresponde às propostas da unidade em trabalhar

os aspectos da gíria e suas aparições nos diversos meios de comunicação e expressão das visões de mundo por parte dos seus falantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora que os estudos de LP tenham passado por diversas reformas, considerando não apenas as novas regras gramaticais, mas também os aspectos da língua que fazem parte de uma visão mais social, com o advento da sociolinguística, constatamos que o problema ainda é persistente no que tange aos pressupostos que baseiam a produção dos livros didáticos para o ensino de língua portuguesa no Brasil, isto porque as raízes do ensino ainda estão fortemente relacionadas a língua em seu modelo estrutural, conforme aponta Bagno (2007, p. 9):

A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua — afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico.

Isto posto, a visão do modo de observar e, conseqüentemente, trabalhar a língua nas escolas, se opõe aos métodos de ensino que são, em sua grande maioria, condicionados pelas disposições da linguística estrutural que baseia os princípios da gramática normativa, até então empregados de uma forma bastante incisiva no ambiente escolar e na metodologia abrigada nos recursos pedagógicos na escolas para o ensino de língua portuguesa, seja para o ensino básico, seja para o ensino médio, como no caso do livro didático analisado nesta pesquisa.

Em relação ao material pedagógico analisado neste estudo, pontuamos que o tratamento das variantes linguísticas é algo que aparece de uma forma bem estabelecida, através das definições apresentadas nas subseções do capítulo 1, destinado a área de gramática, o que é um dado positivo, especialmente quando observamos a total ausência desses pressupostos em outros materiais pedagógicos.

No entanto, a presença das conceituações acerca dos fenômenos linguísticos sob a ótica da sociolinguística nesse material, não faz com que as gírias, objeto central de estudo nessa pesquisa, apareça da forma devida; ao contrário, existe uma incoerência por parte do material quando, inicialmente, propõe-se as definições das variantes e, em seguida, o estudo das gírias é algo trabalhado de forma superficial e

quase nula, tendo em vista que as propostas e as atividades não abordam, de forma direta, esses socioletos.

Pontuamos, portanto, que ainda existe um longo percurso a ser traçado para que o ensino de LP seja direcionado pelas correntes da sociolinguística no Brasil, evidenciando as individualidades linguísticas dos alunos e, com isso, elevando o grau de compreensão da língua materna através do conhecimento dos dialetos próprios da sua comunidade de fala do ponto de vista de uma pedagogia da variação linguística. De acordo com Silva (2018, p. 3):

O preconceito instaurado na linguagem ainda faz com que o profissional de ensino corrija o discente dentro da sala de aula, impedindo a participação do mesmo. Contudo, deixa de perceber na oralidade do aluno uma matéria para ensinar tanto sintaticamente quanto para fazer uma análise semântico-pragmática acerca da constituição significativa das palavras comparando-as com os fragmentos textuais de escritores puritanos.

Assim, pontuamos que estes obstáculos se atribuem a ausência do ensino das gírias no LD analisado, pois, ainda que estas apareçam, o estudo em relação a elas, conforme defendido pelo autor, é algo que não ocorre, ou aparece de forma muito sutil, portanto, pouco eficaz.

Essa forma de ensinar e compreender a língua, ainda que esteja caminhando a passos lentos para uma reformulação, torna-se um entrave para que ocorra a aprendizagem sob a ótica da sociolinguística variacionista, a qual engloba a pluralidade presente na fala dos sujeitos discursivos para além dos contextos orais, mas como uma ferramenta e ensino que torne o ensino contextual e condizente com as necessidades que a própria língua possui de se remodelar, ao passo que os seus falantes também o façam.

Esta pesquisa possibilitou a reflexão e análise das contribuições dos LD's em relação ao estudo das gírias no contexto escolar, bem como sua quase ausência no livro em questão e as implicações que esse dado acarreta ao ensino satisfatório de LP. No entanto, é pertinente destacar que a proposta do ensino a partir do uso das gírias, subsidiado pela sociolinguística, não implica a desvalorização do ensino pautado na norma padrão, este, por sua vez, possui suas relevâncias, mas significa que atentamos para as possibilidades de usos linguísticos para a sala de aula que correspondem a cultura, ao contexto sociopolítico a ao cotidiano dos alunos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. – 1. Ed, - São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BOSCO, Dom. Livro integrado – volume 2: pré-vestibular. Curitiba: 2019. (V.2, 512.ps.)

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. português: linguagens. 9º ano. língua portuguesa. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

CABRAL, Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira; UCHÔA, Sayonara Abrantes de Oliveira (Org.). **Estudos linguísticos e formação de professores para o ensino de línguas**. Cajazeiras – PB: IDEIA – Inst. De Desen. Educ. Interd. e Aprendizagem, 2020.

CABRAL, Marina da Silva. **Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística**. UFSC, 2014. Disponível em:

COAN, Márluce. FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino**. Vol. 4, - nº 2 – 2º semestre 2010 – ISSN 1980-5799. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26004>> Acesso em: 05/02/2022. LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MENDONÇA, Márcia. **Livro didático: para que te quero?** In: Revista Digital Parábola. Ano 1, edição 12. São Paulo: Parábola Editorial, 2021. Disponível em: <https://viewer.joomag.com/revista-digital-par%C3%A1bola-edi%C3%A7%C3%A3o-1https://viewer.joomag.com/revista-digital-par%C3%A1bola-edi%C3%A7%C3%A3o-12/03275320016246474872/0327532001624647487>. Acesso em: 20/03/2022.

MORAIS, Fernando. **Funk: norma linguística e gíria de grupo**. Verbum – cadernos de pós-graduação. São Paulo, n. 6. p. 35-49, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/18997>> Acesso em: 03/12/2021.

OLIVEIRA, Maria Luciana Teles de. *A gíria dos internos da FEBEM*. Dissertação de mestrado, PUC-SP: 2006.

PAIVA, Vera Lúcia. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

PATRIOTA, Luciene. **A gíria nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental**. Graphos, João Pessoa, V. 6., N. 2/1, p. 51-64, 2004. Disponível em: <<https://silo.tips/download/a-giria-nos-livros-didaticos-de-lingua-portuguesa-do-ensino-fundamental-1o-fundamental-1>> Acesso em: 17/01/2022.

PRETI, Dino. *Fala e escrita em questão*. – São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 200.

SILVA, Daniel. **Fala e escrita de gírias: análise, descrição e possibilidades em sala de aula.** RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 04, p. 01-10, jan.-abr., 2018.
Disponível em:
<<https://doi.org/10.23899/relacult.v4i1.656>><https://doi.org/10.23899/relacult.v4i1.656%3e>Acesso em:17/01/2022.

SILVA, Lara. **Estudos dos fenômenos da gíria do funk como suporte para o ensino de língua portuguesa.** Orientador: Adriana Cristina Cristianini. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Letras. Uberlândia, 2020. Disponível em:
<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30074>> Acesso em: 17/01/2022.

SOUZA, Diones Bezerra. **A concepção da língua no processo ensinoaprendizagem sob o viés da sociolinguística variacionista.** Cajazeiras – PB: IDEIA – Inst. De Desen. Educ. Interd. e Aprendizagem, 2020.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.